

Êles também São da Nossa Estirpe

— Considerações sôbre a Homofilia —

Pe. Dr. C. Jaime Snoek, C.SS.R.

Juiz de Fora

POUCA atenção se tem dado entre nós ao fenômeno do homossexualismo: algumas passagens na literatura nacional (em Néilson Rodrigues, Roberto Freire), talvez alguma contribuição de médicos brasileiros (Luís Ângelo Dourado), nenhuma, enquanto saiba, dos nossos teólogos. Tabu, censura social — os homossexuais são considerados como degenerados, perversos, criminosos, — e uma repulsa espontânea e generalizada talvez sejam os principais responsáveis por esta conspiração do silêncio. Contudo, não há motivo de pensar que a freqüência entre nós seja menor do que alhures, isto é: 4 a 5% da nossa população masculina e 2 a 3% da feminina seria homossexual. E' uma minoria, sem dúvida, mas uma minoria significativa, que é obrigada a viver no ostracismo e na clandestinidade, sofrendo amargamente sua rejeição por parte dos homens e, muitas vêzes, sua suposta reprovação por Deus. O suicídio é cinco vêzes mais freqüente entre os homossexuais do que entre os heterossexuais, conforme a afirmação recente de um criminologista da Universidade de Louvaina.¹ Quando muito encontram algum apoio entre si. Em alguns países êste grupo minoritário conseguiu organizar-se, num esforço comum pela sua emancipação.²

Nota da Redação: Pe. C. Jaime Snoek, redentorista, nasceu na Holanda a 25 de dezembro de 1920. Após sua ordenação (1947), doutorou-se em teologia pelo "Athenaeum Pontificium de Urbe 'Angelicum'", em 1952. Sua tese de doutorado "De idee der gehoorzaamheid in het Nieuwe Testament". (A idéia de obediência no Nôvo Testamento) foi publicada em Utrecht/Nimega em 1952. Chegou ao Brasil em 1953. Naturalizou-se brasileiro em 1963. Desde 1955, professor de teologia moral no Seminário Maior Redentorista de Juiz de Fora. E' fundador e professor de Ética na Faculdade de Serviço Social de Juiz de Fora. Colaborador da Revista Eclesiástica Brasileira e da Revista VOZES. Profundo pesquisador dos problemas da vida conjugal, do contrôle da natalidade, da sexualidade humana e das respectivas posições que devem assumir os pastôres de almas nesses campos. Snoek é hoje, no Brasil, o sacerdote moralista mais competente para falar do assunto que aborda nesse trabalho.

¹ S. De Batselier, *Kernhomofilie-Streven*, febr. 1967, p.440. Dois homossexuais, meus conhecidos, chegaram a tentar suicídio.

² A simples comunicação dêste fato, num congresso médico, realizado últimamente, provocou uma reação emocional de tamanha violência que me fêz lembrar aquela palavra do Dr. M. Eck: "Não nos esqueçamos de que os inimigos mais virulentos de tal ou tal atitude (refere-se ao homossexualismo) são aquêles nos quais ela está arraigada inconscientemente sem que queiram reconhecê-lo" (*Sodome, Le Signe/Fayard*, 1966, p.159).

De qualquer maneira homem algum, comprometido seriamente com a promoção integral e de todos os homens, — cristão algum, digno deste nome, pode ignorar ou ficar indiferente perante a sorte do seu próximo homoerótico. Vale isto, de modo particular, para o médico e o psicólogo, para o sociólogo e o jurista, para o criminologista e o policial, para o assistente social e o pastor. E' para servir a todos êsses profissionais que pretendo fornecer neste artigo algumas informações e discutir alguns aspectos, sobretudo teológicos, do problema.³

Conceito, Nomenclatura, Modalidades

Limitamos nosso estudo à chamada *homofilia nuclear*, isto é, àquela que afeta a própria estrutura íntima da personalidade e consiste numa tendência afetiva total de alguém para pessoas do mesmo sexo biológico, percebida, espontaneamente, como convite e possibilidade de intersubjetividade, contidos na sua própria natureza peculiar. Trata-se, pois, de um conjunto de atitudes e sentimentos que afetam a totalidade do ser, exatamente como a heterossexualidade, com exceção apenas da escolha do parceiro.⁴ Quando esta tendência se expressa em atividades eróticas ou genitais, falamos mais em *homossexualidade*. Deixamos de lado a homossexualidade *periférica* e incidental que se desenvolve, por força das circunstâncias, na base de uma heterossexualidade primária. Tampouco nos interessam agora a chamada ambivalência sexual e certas formas excêntricas e pouco freqüentes (travestismo, etc.).

Resta saber se tôda homofilia nuclear corresponde à descrição de *De Batselier* que acabamos de transcrever quase literalmente. O psiquiatra *Bastiaans* parece pensar de modo diferente. Distingue, dentro da homofilia nuclear, duas formas fundamentais entre as diversas modalidades concretas de homofilia masculina e feminina que êle admite: uma forma que poderíamos chamar de *narcisista*, porque coloca o parceiro inteiramente a serviço do próprio ego, — e a outra que poderíamos chamar de *intersubjetiva*, porque estabelece uma verdadeira relação eu-tu.⁵ E' claro que só a homofilia intersubjetiva corresponde à descrição dada por *De Batselier*. Representaria, pois, apenas uma parcela. Isto coincide com o parecer de *M. Eck* que não é nada otimista quanto à capacidade de amar dos homoeróticos.⁶

Creio que a dificuldade em boa parte se resolveria, se não se falasse em duas *espécies* (formas) de homofilia, mas em dois *pólos*.⁷ Como a heteros-

³ Alguns elementos de bibliografia: H. Thielicke, *Theologische Ethik*, 3 Band, 3 Teil, Tuebingen 1964, S. 788/812. Thielicke é o grande clássico da teologia moral evangélica. *M. Eck, Sodome, Essai sur l'homossexualité*, Le Signe/Fayard, 1966. Obra rica e muito documentada, mas um pouco irritante já pelo próprio título. West, *Homosexuality*. London 1955. Foi consultado na tradução holandesa — Arnhem 1961. West é psiquiatra e criminologista de Cambridge. G. Hagmaier-R. Gleason, *Moral Problems Now*. London 1960. J. Vandervelt-R. Odenwald, *Psiquiatria e Catolicismo*. Lisboa 1962. Hagmaier-Gleason existe em tradução portuguesa. Ambos os livros representam uma tentativa notável de aproximação entre psiquiatria e pastoral (moral). S. De Batselier, *Kernhomofilie-Streven*, febr. 1967, pp.440-448. O autor é licenciado em psicologia e doutor em criminologia pela universidade de Lovaina, onde é professor. J. Bastiaans, *Psychiatrische beschouwingen over homossexualiteit en homofilie*, ib. pp.135-143. C. Van Emde Boas etc., *Homossexualiteit*, Kampen-Utrecht-Antwerpen 1965. E' o resultado de conversações entre católicos, evangélicos e humanistas. A. Overing etc., *Homossexualiteit Pastorele Cahiers* 3) ed. 4, Hilversum-Antwerpen 1964. São conferências e discussões de especialistas, psiquiatras, sociólogos, teólogos etc., da Holanda. Evidentemente a bibliografia é muito mais vasta, mas pude consultar só esta.

⁴ De Batselier, a. c. pp.440-1.

⁵ Bastiaans, a. c. pp.121-2; 127.

⁶ Cf. sobretudo cap. 6 e 7.

⁷ Cf. M. Eck, cap. 3, De Batselier, Bastiaans, Overing, West.

sexualidade, assim também a homossexualidade pode (e deveria) se desenvolver no amor captativo de que parte para o amor oblato. Este processo é complexo e cheio de peripécias em ambos os casos. Podemos, sim, admitir que a homofilia provavelmente encontre mais obstáculo no seu caminho e esteja mais exposta ao fracasso. O que *De Batselier* descreve parece ser ou pura possibilidade ou uma forma já bem sucedida, mais lisonjeira de homossexualidade.

Origem da Homofilia

A teoria de uma homofilia inata até hoje não foi provada. Não se encontrou nenhuma diferença genético-cromossômica, nem hormonal, entre homossexuais e heterossexuais. Resumindo o resultado de dez anos de pesquisa de uma dezena de pesquisadores, *Schofield* concluiu, em 1965: "Se há uma base biológica da homossexualidade, sua existência não pode ser demonstrada, nem observada, nem descrita. E', portanto, um objeto difícil para investigação científica".⁸ Poder-se-ia objetar que certas pessoas trazem a marca da sua tendência em tôda a sua aparência. Mas esquece-se então de que uma aparência feminina no homem e masculina na mulher é encontrada tanto em hetero como em homossexuais. Se, portanto, um número, aliás bem reduzido, de homossexuais apresenta uma aparência do sexo oposto, deve ser porque estas pessoas desejam desempenhar um papel e não por causa de um padrão genético.

Nem mesmo as teorias psico e sociogênicas, embora tenham identificado alguns fatores importantes na gênese da homossexualidade (o relacionamento da criança com a figura paterna e materna, a dinâmica familiar), conseguem dar a resposta adequada, porque não explicam por que, no mesmo ambiente, com as mesmas perturbações, um desenvolve uma estrutura homo e outro uma estrutura heterossexual. Ao que parece, existem, pois, fatores estritamente pessoais e existenciais que levam determinada pessoa a responder de tal modo peculiar a determinada situação.

Em um ponto todos os pesquisadores concordam: tanto a estrutura hetero como a homossexual está fixada antes da idade de seis anos, como resultante de uma história pessoal, partindo de possibilidades biopsíquicas de um lado e de vivências afetivas de outro. Ser homo ou heterossexual não depende, pois, de uma opção livre da pessoa. Ela se encontra como tal e terá que integrar esta sua estrutura praticamente irreversível (cf., embaixo, a terapia) no seu projeto de vida. A própria estrutura homossexual ainda não tem qualificação ética. Sòmente a expressão que se lhe dá está sujeita a uma avaliação ética, a um juízo de valor.

Sendo que a estrutura está fixada tão cedo, não devemos atribuir tanta importância ao fator sedução como costuma ser feito, sem, porém, querer minimizá-lo. Quando praticada por educador com educando, será, muitas vezes, gravemente traumatizante.⁹

⁸ Citado por De Batselier, p.443. N.B. — Desde a descoberta do sexo cromossômico em 1949 (por Barr), a teoria freudiana de uma bissexualidade original carece de fundamento biológico (Eck, p.81).

⁹ Cf. Overing, pp.32 e 81. Assinalamos, contudo, o parecer de Eck (pp.255 ss.) que é bem mais severo. Para êle, trata-se de um verdadeiro proselitismo e contágio contra os quais os jovens devem ser protegidos. Nosso Código Penal adota, no Art. 218, o limite de 18 anos para ambos os sexos no tocante à corrupção de menores, desconhecendo,

Homofilia uma Doença? uma Anomalia?

As primeiras publicações científicas sobre o homossexualismo partiram de psiquiatras, com base nas observações clínicas. Clássico é *Kraft-Ebing* (1870), que enquadrou a homossexualidade na sua *Pathologia Sexualis*. Não há dúvida de que, como entre os heterossexuais, também entre os homossexuais se encontram desequilibrados que procuram o psiquiatra. Interessa saber se a frequência de sintomas patológicos é maior entre êles. Se devemos acreditar em *Eck*, quase todo homossexual sofreria de uma neurose, pelo menos latente (pp.138 ss.; 242 ss.), de um narcisismo patente (pp.141 ss.; 197 ss.), ou de uma incapacidade de comunicação que o leva, muitas vezes, a uma esquizoidia de grupo e, mais ainda, a uma paranóia individual (pp.215 ss.), sem falar nos outros "mitos" e anomalias que não seriam poucos. Praticamente *Eck* não acredita na possibilidade de uma homossexualidade integrada na pessoa, que permitisse exercê-la ou contê-la "segundo exigências e disciplinas pessoais" (p.138) sem maiores problemas, como ocorre na vivência heterossexual. Será que *Eck* sofre de uma ilusão de ótica, por causa de conceitos psicanalíticos e do material clínico?

Uma corrente diametralmente oposta, encabeçada por *Hirschfeld* (†1900), defende a tese do "terceiro sexo", ou da "variante natural da sexualidade humana". Em si não seria anomalia, menos ainda doença. O próprio *Kraft-Ebing* e *Havelock-Ellis* aderiram a esta tese e ela é defendida, com um ardor talvez não muito imparcial, pelos próprios homossexuais.¹⁰ Na sua *Carta a uma Mãe Americana*, Freud escreve, em 1935: "Ser homossexual certamente não é vantagem, mas não há motivo de se envergonhar por isso; tampouco é vício, nem degeneração; a homossexualidade não pode ser classificada como doença; consideramo-la como uma variante da função sexual, produzida por uma certa fixação do desenvolvimento sexual".¹¹

Não sendo doença em si, os sintomas deveriam ser atribuídos exclusivamente a fatores exógenos, sobretudo sociológicos: o fato de ser diferente dos outros, um grupo minoritário e isolado; tédio da vida, sentimento de culpa, pavor de condenação eterna, etc.

Dois pesquisadores, *Hooker* (USA) e *Schofield* (Inglaterra), tentaram recentemente (1965) trazer mais luz nesta questão de ajuste ou desajuste, saúde ou patologia dos homossexuais. Compararam grupos de homo e heterossexuais em situações idênticas e verificaram que a única diferença estava na estrutura da sexualidade. Não se notou incidência maior de fenômenos patológicos nos homossexuais.¹² Para se chegar a uma conclusão mais segura, talvez seja necessário realizar mais pesquisas. Contudo, creio que já podemos afirmar que a integração da homofilia numa vida calma e equilibrada é possível e mais freqüente do que *Eck* insinua. Em si a homofilia não pode ser qualificada como doença. Torna-se doença, quando não é integrada e assumida, mas sentida como incômodo, como sofrimento.

Resta saber se a homofilia como estrutura pode ser qualificada como mera variante natural, quiçá até como uma forma superior de sexualidade como alguns dêles defendem, ou se deve ser considerada como anomalia, como desvio. O problema é sutil. Que é normal e anormal nas ciências do ho-

portanto, a discriminação adotada em alguns países, onde a proteção contra contactos homossexuais se estende a uma idade mais avançada.

¹⁰ Cf. a revista *Arcadie* da França e *Dialog* da Holanda.

¹¹ De *Batselier*, a. c. p.445.

¹² De *Batselier*, l. c.

mem?¹³ Estatisticamente a homofilia certamente se afasta da norma. Mas isto não quer dizer muita coisa. A masturbação na puberdade, por exemplo, estatisticamente é normal. Tampouco adianta saber que a homossexualidade se encontra também nos animais. O fenômeno no homem é muito diferente.¹⁴ Creio que o conceito de normal e anormal aqui implica num recurso à antropologia sexual filosófica e teológica. Surge então o problema: que é *natural*, que é *cultural* na sexualidade humana como é vivida concretamente? Optamos aqui por uma tese que não podemos justificar, porque exigiria todo um tratado à parte. Embora admitindo uma grande margem de flexibilidade cultural na vivência sexual, na masculinidade e na feminilidade, fazemos nossa a afirmação de *Jeannière*: “A dialética homem-mulher é uma dialética fundamental, um fundamento e não um produto da história”.¹⁵ Onde esta dialética falta, como na homofilia, parece que devemos falar em anomalia. A teoria da variante natural, mesmo como defendida por um De Batse-lier, não me convence.

Se esta premissa fôr exata, devemos dizer, numa perspectiva teológica, que a estrutura homossexual não corresponde plenamente ao plano de Deus e, como tôda deficiência (doença, por exemplo), tem algo a ver com aquêlo misterioso afastamento do homem de Deus que se chama pecado original. A teologia protestante acentua mais êste aspecto do que a católica. Nem por isto a homofilia merece difamação, porque a estrutura como tal — já o disse — não tem qualificação ética. Menos ainda se justifica uma idealização ou mesmo sacralização da homofilia! Em si é um estado que clama por terapia, se possível (Thielicke, pp.800 ss).

Terapia

Admitindo que a homofilia seja uma anomalia, uma forma deficiente do ser-homem, deve-se, em tese pelo menos, afirmar também o dever ético de se curar enquanto possível. Em si, valeria isto mesmo para aquêles que não sentem a sua estrutura como incômoda. Contudo, seria sumamente imprudente levantar um problema que não é sentido como tal. Seria tanto mais precário, quanto mais reduzidas são as possibilidades de normalização. Quanto a isto: se até hoje não se chegou a uma visão clara na gênese da homofilia, não é de se estranhar que as perspectivas de uma terapia eficiente são francamente desanimadoras.

Apesar de alguns resultados modestos obtidos por Eck através de tratamento psicanalítico¹⁶, estamos ainda em plena “vague défaitiste”, embora *Dalbiez* a tenha julgado injustificada.¹⁷ Será necessário ainda insistir na absoluta inutilidade de tratamento hormonal¹⁸? Se ainda levamos em consideração a precariedade dos recursos no Brasil, devemos concluir que a homofilia nuclear, entre nós, é *praticamente irreversível*. Com exceção, talvez, de alguns casos especiais, a única terapia viável é aquela que *Alexandre* chamou de “terapia de apoio”. O homossexual terá de viver com sua anomalia.

¹³ Cf. a discussão entre W. Tepe, E. Azzi, e Me. Christina na *Rev. Psic. Normal e Patológica* 7 (1961-4), pp.646 ss; 764 ss. F. Duyckaerts, *A Noção de Normal em Psicologia Clínica*, S. Paulo 1966. Eck, o. c., pp.102 ss.

¹⁴ M. Eck, o. c., pp.104 ss.

¹⁵ A. Jeannière, *Antropologia sexual*, Duas Cidades, São Paulo 1965, p.160.

¹⁶ O. c., p.249. Não passaria um ano sem que curasse alguns homossexuais. Cf. porém o que êle diz à p.247.

¹⁷ *La Méthode Psycanalytique et la Doctrine Freudienne* II, Paris 1949, p.251.

¹⁸ Eck, o. c., p.247. Rivière, em *Suppl. de la Vie Spirituelle*, n.73 (1965), p.137. Refiro-me ao tratamento que visa à mudança de estrutura homossexual, não àquele que visa apenas diminuir a libido (foliculina progesterona).

Mas como? Deve existir também para êle (ela) um caminho de santidade, um modo cristão de ser homossexual. Thielicke chega a falar em "carisma", um dom próprio, uma chance específica para poder viver cristãmente esta situação peculiar (p.806). Êste modo cristão de viver a homofilia será só pela continência e pela sublimação, ou permitirá outras expressões? Sòmente aqui entra o problema ético.

A Homofilia Perante a Moral

O que nos interessa daqui em diante não é mais a estrutura homossexual, mas sua expressão erótica e genital.

a) *A Bíblia*. Uma leitura superficial de alguns tópicos da S. Escritura (por exemplo, Lv 18,22; 20,13; Rom 1,26) é, em boa parte, responsável pela repressão violenta e cruel da homossexualidade no passado. Ainda em pleno século XVIII dezenas de homossexuais foram enforcados e queimados em nome da Bíblia! Uma exegese detalhada dêstes textos não cabe dentro dos limites de um artigo de revista. Resumo aqui apenas algumas conclusões de Thielicke. Quanto ao AT, convém observar que a severa condenação da homofilia está na mesma linha com a do consumo do sangue, de adivinhação, de relações sexuais com mulher menstruada etc. E' bastante claro que estas proibições, no seu contexto, foram inspiradas pela idéia de pureza cultural, abolida pela Nova Lei. Em Rom 1,26ss a homofilia figura entre outras "perversões", para *ilustrar* que a "perversão" da relação "vertical" (homem-Deus) leva à "perversão" da relação "horizontal" (relações humanas). Thielicke comenta que S. Paulo, sem dúvida, desaprova o homossexualismo, mas que é importante observar que não é objeto de uma afirmação teológica formal e sim um elemento *ilustrativo* de uma afirmação mais fundamental (p.799). Ademais, uma certa equiparação que S. Paulo estabelece entre o homossexualismo, adultério e meretrício (1 Cor 6,9) justifica a pergunta se pretende condenar *tôda e qualquer forma* de homossexualidade ou apenas aquela que reduz o parceiro a puro instrumento da própria libido (p.797). Da mesma forma pensam os autores do "Nôvo Catecismo" holandês, quando dizem: "As expressões severas da Sagrada Escritura a respeito da homossexualidade genital não devem ser mal-entendidas. Ela não fala assim para denunciar o fato de certas pessoas sentirem em si esta anomalia sem culpa por parte delas. Refere-se a uma convivência com um contágio homossexual que se transformou em moda, e que se difunde também entre aqueles que, no fundo, sentem atração pelo outro sexo" (p.453). Parece, pois, justificado concluir o seguinte: se nem a teologia protestante, que nunca passaria por cima de uma palavra bíblica clara, consegue ler na Bíblia uma condenação unívoca e total de tôda e qualquer forma de homossexualidade, muito menos então a teologia católica, sempre mais reservada em querer achar na Bíblia regras precisas de conduta.

Não encontrando uma resposta decisiva na Sagrada Escritura, vejamos os outros "lugares teológicos".

b) *A atitude das Igrejas*. Uma pesquisa histórica especializada (Livros Penitenciais, Summae Confessorum, Concílios etc.), enquanto saiba, ainda não existe. Mas é muito provável que a perseguição sistemática e cruel dos homossexuais no Ocidente, como ainda existe em algum Código Penal, se tenha inspirado e apoiado no pensamento das Igrejas. Algum reflexo dêste pensamento encontramos ainda no Código de Direito Canônico, nos cânones 2357-2359 e no fôro exclusivo que o extinto Santo Ofício se reservava dos clérigos envolvidos no chamado "delito péssimo".

Nos últimos anos percebe-se uma certa mudança de clima. O Episcopado (luterano) da Suécia publicou, em 1951, uma carta pastoral sobre problemas de ética sexual. Embora este documento qualifique atos homossexuais como infração da lei divina, declara-se de acordo com o novo Código Penal, que não considera crime atos homossexuais praticados por adultos sem ultraje público ao pudor. Insiste também no dever de caridade de dar assistência a pessoas bem intencionadas que lutam com este problema.¹⁹ Poucos anos depois também as Igrejas da Inglaterra apoiaram o abrandamento do Código Penal, que se limita agora a considerar crime somente a sedução de menores, o ultraje público ao pudor e a prostituição homossexual. Não houve, no entanto, mudança na avaliação ética.²⁰ Uma abordagem doutrinária um pouco diferente encontramos no "Nôvo Catecismo", publicado por mandato do episcopado holandês. Já citei um trecho. Segue agora a primeira parte desta passagem:

"Convém dizer aqui uma palavra sobre aqueles que são incapazes de se orientar eroticamente para o outro sexo, sentindo-se atraídos tão somente pelo próprio sexo. A falta de publicidade fez surgir a respeito deles uma série de idéias que, em geral, são injustas.

Não depende do homem (dêle ou dela) o sentir-se atraído pelo outro sexo. A origem da homossexualidade é desconhecida. Aquêles que sentem esta inclinação são, muitas vezes, pessoas esforçadas e de conduta irrepreensível. Confinado na sua solidão deseja (êle ou ela) amizade. Mas, mesmo onde êle ou ela encontrar verdadeira fidelidade, a plena realização dos seus desejos humanos não lhe é dada. Em última análise todo homoerotismo chega a descobrir que, enquanto sexuado, o homem só encontra sua realização natural (como a própria estrutura insinua) no outro sexo. Oxalá encontrasse aquêles que se sabe homossexual alguém com quem pudesse se abrir: um médico, um pastor, uma pessoa sábia e compreensível. Oxalá pudesse descobrir que cada vida tem seu valor, quando se sabe dar e receber" (p.453).

c) *Reflexão teológica.* A primeira coisa que se constata é a pouca atenção que se tem dado a este problema tanto na teologia católica, como na evangélica. Com a simples afirmação de que o comportamento homossexual é contra a Bíblia (e, na teologia católica, contra a natureza), a questão é resolvida sem maiores preocupações.²¹ Dois teólogos contemporâneos de renome que se ocuparam com o problema, *K. Barth* (protestante) e *W. Schoellgen* (católico), se deixaram levar a imprecisões e exageros.²² O que falta nesta teologia de categorias abstratas é um mínimo de comoção pastoral, de "compadecimento", de "sunpáschein" (1 Cor 12,26) com as pessoas concretas que vivem este drama. Não é, pois, de se estranhar que foi do campo médico-psicológico e pastoral que partiu o estímulo para uma reconsideração ética. Citaria aqui, entre os católicos, *J. Harvey*²³, *Vandervelt-Odenwald*, *Hagmaier-Gleason*. Todos êstes autores supõem, explícita ou implicitamente, a distinção entre a moralidade objetiva, formulada em termos de malícia intrínseca e pecado grave, e a moralidade subjetiva, na qual admitem uma grande margem de diminuição de culpa. Os últimos autores observam que, em

¹⁹ Thielicke, p.793.

²⁰ Thielicke, p.794.

²¹ Para a Teologia Evangélica, cf. Thielicke, p.788. Para a Teologia Católica, cf. J. Fuchs, *De castitate et ordine sexuali*. Roma 1960, pp.55-59.

²² Cf. Thielicke, p.790. W. Schoellgen, *Ética Concreta*. Barcelona 1964, pp.446 ss.

²³ J. Harvey, *Homosexuality as a Pastoral Problem*, em *Theol. Studies*, 1953, pp.86-108.

casos excepcionais, alguém pode optar por uma conduta homossexual como mecanismo de defesa, para escapar à ameaça de uma psicose iminente.²⁴ Evidentemente estamos, em situações como esta, perante uma ausência quase total de liberdade e responsabilidade. Entre os protestantes se destacam o suíço *Th. Bovet*, psiquiatra e teólogo, e o teólogo inglês *S. Bailey*, pela excelente abordagem pastoral do problema.²⁵

Contudo, ultimamente se começou a perguntar se é mesmo exato afirmar que toda expressão erótica e genital de caráter homossexual é necessariamente imoral, “contra a natureza”²⁶; e que, portanto, a única atitude moralmente admissível para os homossexuais é a solidão, a continência e a sublimação. Certo é que tais expressões não são contra esta natureza concreta, enquanto ela sente a atração homossexual com a mesma “naturalidade” como a heterossexual sente a sua.²⁷ Em última análise a questão me parece ser esta: a vivência homossexual no plano erótico e genital pode ou não pode, em tese, promover as pessoas envolvidas em termos de amor oblativo, intersubjetividade, responsabilidade comum na construção do mundo, humanidade? Se e enquanto estes valores podem ser realizados, não vejo como a conduta homossexual “a priori” e sem mais pode ser qualificada de imoral e contra a natureza.

Quanto a esta possibilidade teríamos que interrogar primeiro os fatos. Que sabemos, por exemplo, da existência e da estabilidade de uniões homossexuais e da profundidade do vínculo? Sem dúvida existem. Quanto à estabilidade, as opiniões são divergentes. Uma pesquisa do médico alemão *Giese* demonstrou que são raras as uniões que duram mais de dez anos. E a fidelidade seria também bastante precária.²⁸ *M. Eck* é francamente pessimista a este respeito. Para êle o homossexual é radicalmente incapaz de verdadeira comunicação humana e cita depoimentos impressionantes de homossexuais que parecem confirmar esta tese (pp.223 ss), ao ponto de êle se perguntar se a homossexualidade não exige por própria natureza uma pluralidade de parceiros (p.227). Quanto a duplas de lésbicas êle é mais otimista (p.315). Muito diferente é a impressão de *Marc Oraison* que se refere a “lares homossexuais que vivem uma vida autêntica de amor verdadeiramente altruísta, mais do que muitos lares normais conseguem alcançar”.²⁹

Considerando a falta de proteção social a tais uniões e a falta do fator mais importante de estabilidade, o filho, — uma dupla de homossexuais entrevistada pela TV holandesa, aparentemente muito feliz, confessou, no entanto, sentir muito esta falta — creio que não há mesmo lugar para muito otimismo. Contudo, não se pode negar que existam uniões homossexuais com uma estabilidade e fidelidade apreciáveis, mais entre mulheres do que entre homens. E, mesmo se uma união se dissolve depois de certo tempo, ainda não quer dizer que não tenha deixado nada de positivo.³⁰ Podemos, pois, admitir uma discreta possibilidade de realização de valores através de uniões homossexuais.

Qual seria, interrogando ainda os fatos, o lugar dos contactos genitais nestas uniões homossexuais. Intensificam ou, talvez, comprometem a união? E’ muito difícil investigá-lo. Quantas vêzes a relação heterossexual afasta

²⁴ O. c., p.103.

²⁵ Thieliicke, pp.791-2.

²⁶ A respeito de “lei natural”, veja-se nosso trabalho *A Lei Natural na Concepção Evolutiva da Moral*, em Revista VOZES, junho de 1967, pp.483-488.

²⁷ Cf. Eck, p.260.

²⁸ Citado por Eck, p.221. Quanto à fidelidade cf. pp.202-5.

²⁹ Citado por Eck, pp.222-3.

³⁰ Cf. Van Emde Boas, o. c., pp.11 e 13.

em vez de unir, é captativa em vez de oblativa. E' provável que isto ocorra ainda mais freqüentemente na relação homossexual que já é tão ambígua. M. Eck, citando um defensor da homossexualidade, acha que será necessariamente assim (pp.92-93). Um grupo de pastôres especializados, que orienta seus dirigidos no sentido de aceitar e cultivar uma amizade, constatou que algumas destas duplas procuram espontaneamente limitar a expressão de sua amizade a formas apenas eróticas, evitando contactos genitais, embora nem sempre consigam.³¹

Parece que podemos concluir: existem uniões homossexuais com certa estabilidade que conseguem realizar certos valores humanos, mas não são freqüentes. Onde existem, a expressão genital, de modo geral, não parece favorecer a expansão dêste vínculo. Todavia, não se pode excluir "a priori" tôda possibilidade neste sentido.

Investigados os fatos, vejamos as tentativas de fornecer-lhes um fundamento teológico.

Sublimação e continência será o caminho mais indicado, no pensamento de *Thielicke*. Mas o celibato é dom e vocação, não pode ser exigido. Muitas vêzes será irrealizável. Excepcionalmente o homossexual (adulto) procure, então, sua auto-realização erótico-sexual do melhor modo possível, só com parceiro adulto também homossexual e evitando escândalo. A razão teológica desta concessão é uma analogia com o modo de agir de Deus com o mundo decaído: uma vez que, pelo pecado, a violência entrou no mundo, Deus, colocando-se no plano desta realidade, permite que a violência ilegal seja combatida pela violência legal. Do mesmo modo o homossexual, na sua situação incapaz de realizar o ideal da sexualidade humana, procure alcançar o melhor que para êle, "rebus sic stantibus", fôr possível. A razão das restrições é a extrema ambigüidade de uma sexualidade anormal (pp.803-6).

Muito mais avançado é *De Batselier*. Partindo da antropologia filosófica de Merleau-Ponty, segundo a qual o homem não é uma espécie da natureza, mas uma idéia histórica, acha que não é possível determinar o que é natural e o que não é. Aplicando isto mais diretamente à antropologia sexual, cita um texto muito sugestivo e pouco conhecido de Teilhard de Chardin, de um tratado sôbre *L'Evolution de la chasteté*, escrito em Pequim, no ano de 1934. Eis o texto:

"Por razões óbvias associou-se sempre a união física exclusivamente à procriação. Uma determinada "biologia teológica" ainda continua ensinando que, pela própria conformação dos corpos, não poderia ser diferente sem violar a ordem da natureza. Como se a ordem do Mundo fôsse uma coisa pronta e acabada e não um equilíbrio em busca de si mesmo. Como se êstes órgãos tivessem sido fixados na sua forma desde o princípio, e não se tivessem adaptado, através da evolução, a novas exigências! Como se a língua tivesse sido feita para falar e não usada para falar!... Quanto mais eu penso, tanto menos acho absurdo o pensamento da heroína de um romance russo, segundo o qual 'encontraremos afinal um outro modo de amar'. Ao lado da fecundidade material deve haver cada vez mais a fecundidade espiritual e só esta justifica a união. União para o filho. Mas também união para o trabalho, união para a idéia. Por que não? Na pluriformidade humana cada forma de união pode encontrar adeptos; nem por isto uma há de des-

³¹ Overing, o. c., p.116.

truir outra prematuramente. Não seria êste uso espiritual da carne que muitos gênios, que levavam uma vida criativa, descobriram e praticaram instintivamente, sem aguardar a licença dos moralistas? Não seria nestas fontes impuras que foi haurida uma vida da qual, neste momento, os mais conservadores entre nós se alimentam”³²?

Se bem entendo, Teilhard quer dizer o seguinte: quando o homem das cavernas descobriu que podia usar a língua não só para comer, mas também para articular palavras como meio de comunicação, a própria constituição anatômica da língua foi se adaptando a êste novo uso. Da mesma maneira, quando descobriu que a sexualidade podia servir não só para a procriação, mas também como linguagem de amor, a própria anatomia e fisiologia sexuais se foram transformando em função dêste novo uso. Até aqui esta visão parece esplêndida. A dúvida surge, quando a sexualidade e a fecundidade são totalmente transpostas para o plano da cultura, e completamente desvinculadas da infra-estrutura biológica. Uma vez aceitando êste princípio, nada mais é “contra a natureza” da sexualidade, contanto que seja vivida como autêntico amor. Nenhuma restrição poderia ser feita à expressão erótica e genital da homossexualidade como tal. Não é bem claro se êste é o pensamento de Teilhard, tampouco se aludiu à homofilia (Gide? Wilde?). Sem conhecer o contexto todo é difícil de sabê-lo. Certo é que *De Batselier* o interpreta assim. Todavia, esta tese de De Batselier, com fundamento em Teilhard ou não, me parece bastante discutível. Aliás, os fatos que analisamos acima não a comprovam.

Mais matizada e mais exata me parece a posição do grupo holandês no já citado caderno pastoral. Tampouco para êles o biológico como tal pode ser norma. Quanto a isto tôda a antropologia filosófica dos nossos dias (também do Concílio!) deu razão a Teilhard. Tudo depende do sentido que o homem, em liberdade, dá ao biológico. Contudo, liberdade não é arbitrariedade. Nem tôda forma de sexualidade é digna do homem, promove o homem na linha de sua natureza enquanto existindo no mundo, com os outros, para Deus. A expressão genital da homofilia, por exemplo, não parece digna do homem. Não se pode dizer que esta expressão seja necessária. Ela é dispensável: a amizade homoerótica pode existir e se expandir sem ela. Ela não é só dispensável, mas também radical e irremediavelmente estéril, e não só biologicamente. Esta esterilidade, em última análise, se prende ao fato de a homofilia não ser mesmo uma variante natural, mas um verdadeiro desvio da sexualidade humana. Pois esta se revela como uma unidade e um contraste, como dialética fundamental que exige o outro *oposto* para o diálogo. Revela-se ainda como expressão de amor em relativa autonomia com relação à procriação, sem jamais chegar a uma dissociação radical entre amor e fecundidade, como ocorre na sexualidade.

Em princípio, pois, êste grupo não admite a validade de contactos genitais. Na prática, porém, reconhece que, em situações concretas, pode ter um sentido positivo, como fenômeno colateral, e quase inevitável na tentativa de estabelecer uma amizade homoerótica, sobretudo se no passado houve muita distorção e recalque da sexualidade. Nestas situações não se trata de uma pura satisfação egoística da libido, que reduz o outro a puro instrumento — isto é sempre imoral, — mas de uma certa analogia com o amor heterossexual.

³² O. c., p.446.

Êstes autores aceitam, pois, as amizades homossexuais como algo de positivo. São mais reservados do que Thielicke na apreciação teológica da expressão genital destas amizades, mas na prática dá pouca diferença. Embora julguem que a continência é, humana e cristãmente, a "via régia", reconhecem que isto na prática só será possível para pessoas particularmente dotadas, com muita possibilidade de sublimação. O pastor terá que ser compreensivo e nem sempre será prudente propor a continência.³³ Com isto já entramos no último aspecto que precisa ser focalizado.

Aspectos Pastorais

O órgão oficial dos homossexuais da França distingue três categorias de homossexuais: a primeira não se conforma definitivamente com sua situação; a segunda não só aceita mas explora sua anomalia, satisfazendo seu instinto de qualquer maneira, numa vida desregrada e banal; os da terceira categoria aceitam-se, mas recusam uma vida fácil e sem ideal, estão sempre em busca do melhor.³⁴ Conforme a mesma fonte, é a segunda categoria que abriga maior número de adeptos. Contudo, quem procura o pastor (médico), não são êstes, mas o número bem mais modesto da 1ª e 3ª categorias.

Uma orientação pastoral eficiente requer um mínimo de especialização. Deve-se saber diagnosticar, saber distinguir entre homofilia nuclear e periférica (o conteúdo dos sonhos eróticos pode ser um indício precioso). A homofilia periférica exige uma direção firme na linha da continência, como primeiro passo para a normalização. A nuclear põe problemas mais delicados. Citemos alguns.

De suma importância é a *atitude de acolhimento*. O pastor terá que vencer sua própria repulsa. Seria sôbre-humano exigir verdadeira empatia. Mas pode e deve superar seus preconceitos. Não está lidando nem com criminosos, nem com degenerados ou perversos, apenas com pessoas diferentes, com pecadores comuns, chamados à santidade como qualquer um. O primeiro grande benefício que o pastor pode fazer a seu cliente é aceitá-lo tal como êle é, sem censura; apoiá-lo, fazê-lo sentir que há lugar para êle na Igreja de Cristo como para qualquer um que seja bem intencionado. Também êle (ela) tem uma missão a cumprir.

Quanto às amizades, creio que podem ser avaliadas como algo de positivo, sendo que sôbre isto não existe divergência entre os especialistas católicos e evangélicos.³⁵

Quanto à vivência genital, procure-se, em tese, encaminhar para a continência e sublimação. Mas deve-se saber que o instinto homossexual é muito mais difícil de ser controlado, em parte por causa do componente neurótico que, muitas vêzes, chega a ser verdadeira compulsão, em parte, talvez, pela absoluta falta de uma canalização natural, sendo que nossa civilização está profundamente marcada por estímulos heterossexuais (a arte em tôdas as suas manifestações, publicidade etc.), que nada representam para o homossexual.

A meu ver, há lugar para uma tolerância, talvez até para uma certa avaliação positiva daqueles contactos genitais que acompanham tentativas de chegar a uma comunicação humana de certa profundidade. O pastor deixe margem para a própria pessoa descobrir a norma da pureza nestes contactos e, possivelmente, o caminho da continência.

³³ Overing, o. c., p.110 ss.

³⁴ Eck, p.223.

³⁵ Overing, etc., o. c., pp.106 e 117. O grupo protestante publicou êste ano: *Leven met Homofielen* (Viver com Homoeróticos).

Muitas vezes o homossexual procura encobrir sua anomalia pelo casamento. O pastor nunca apóie tal idéia, nunca assuma responsabilidade, mas encaminhe o interessado a um psiquiatra, ou outro especialista.

Curiosas são, às vezes, as implicações dos homossexuais com a religião. Conheci alguns que mantinham longas conversas com monjas, estudavam a biografia de S. Teresinha à qual tinham uma devoção tôda especial. Será a busca inconsciente de mulheres que não constituem "ameaça"? Frequentemente se apresentam para a vida religiosa ou sacerdotal. O motivo pode ser nobre: a procura de um ambiente protegido para se livrar de uma sexualidade genital incontrolável e angustiante, sentida como gravemente pecaminosa. Outras vezes será, mais sutilmente, uma tentativa de encontrar um modo socialmente valorizado para levar uma vida celibatária. Infelizmente nem matrimônio, nem vida religiosa representa solução. Antes pelo contrário: leva a maior desespêro. Pastôres desprevenidos, com as melhores intenções, já causaram verdadeiras tragédias por conselhos totalmente errados.

Outras orientações judiciosas podem ser encontradas na bibliografia citada, sobretudo em J. Harvey e em Hagmaier-Gleason. Finalizando estas considerações e sintetizando-as, transcrevo aqui cinco diretrizes práticas, formuladas e publicadas pelo Instituto Pastoral da Holanda:

- 1) em hipótese alguma pode-se romper uma amizade existente;
- 2) o matrimônio não pode ser solução e deve ser desaconselhado;
- 3) não se deve esquecer que a continência, a chamada "via régia", não é uma exigência tão evidente; na realidade ela é observada só esporadicamente;
- 4) parece recomendável ajudar o homossexual a construir uma amizade firme;
- 5) no acompanhamento de amizades homossexuais parece importante insistir sobretudo na fidelidade.